

Distinção do campo da subjetivação e da responsabilidade via análise do acting out¹

Iara Wanderley Biondi²

Lacan faz todo um seminário para abordar a questão da angústia. Ele resgata o texto de Freud *Inibição, Sintoma e Angústia*, e vai ao longo da exposição demonstrar que essa não é sem objeto, como até então os psicanalistas imaginavam. Para isso, ele elabora todo um esquema identificando onde e em quais dos elementos expostos a angústia se torna mais presente. Diante desse esquema, então, cada um dos quadrinhos representa determinadas intensidades que o sujeito se depara com a angústia em contraposição ao seu movimento.

	Intensidade da Angústia		
Movimento do sujeito	Inibição	Impedimento	Embaraço
	Emoção	Sintoma	<i>Passagem ao ato</i>
	Efusão	<i>Acting Out</i>	Angústia

O presente texto tem a intenção de distinguir a subjetivação das atuações do campo da responsabilização do sujeito, a partir do entendimento do que vem a ser o Acting Out. Para tanto, é necessário delimitar o campo do acting out em relação à angústia e diferenciando-o do sintoma e da passagem ao ato. Para Lacan, o sintoma é um gozo velado, ele se basta; por isso não pode ser interpretado sem que haja a transferência. Por outro lado, na passagem ao ato o que se tem é exatamente o oposto do acting out, já que o sujeito se depara com um ponto de insuportável, o *objeto a*, e diante da angústia irrompida o sujeito pula fora da cena. Se o sintoma não é necessariamente um acting e a passagem ao ato é o oposto, o que vem a ser o Acting Out?

O Acting out é o que através de uma determinada cena se mostra ao outro, meio pelo qual o sujeito tenta evitar a angústia. A essência desta atuação é de uma cena para ser vista, ou seja, uma mostra-ação. O que importa de tudo isso – e Lacan frisa esse

¹ Artigo apresentado na Jornada Interna no segundo módulo da Formação do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais (IPSM-MG).

² Psicóloga, especializando em Clínica Psicanalítica em Instituições de Saúde pela PUC-Minas.

ponto – é o resto, é o que caí, é “o que sobra nessa história” (LACAN, 1963, p. 139). Logo, a atuação se relaciona com o objeto pequeno *a*.

Ao iniciar o capítulo *Passagem ao ato e Acting Out*, Lacan pontua que o pequeno *a* tem a ver com a conexão do sujeito e o Outro. “É a partir do Outro que o *a* assume seu isolamento, e é na relação do sujeito com o Outro que ele se constitui como resto” (LACAN, 1963, p. 128). Na relação do sujeito com o grande Outro é que aparece o objeto *a*, pois da barra que tanto o sujeito quanto o outro estão submetidos, o resto dessa divisão é o pequeno *a*. A barra significa falta de garantia no campo do Outro. No acting out a relação é com o objeto do pequeno *a*, mas para o Outro. Isso quer dizer que não há sujeito dividido, já que a dimensão do objeto está presente. É preciso então, destacar esse objeto para que surja no lugar a relação do sujeito com o Outro.

A partir disso, distinguiremos duas posições do sujeito em relação aos seus atos: a de subjetivação e a de responsabilização, já que esses dois elementos são fundamentais na clínica, e é a partir deles que o sujeito começa a se movimentar na direção de seu inconsciente. Miller em seu texto *Discurso do método psicanalítico* (1998) propõe três momentos na intervenção clínica: 1) Avaliação Clínica; 2) Localização Subjetiva e 3) Introdução ao Inconsciente. Entre os dois primeiros momentos ele localiza a subjetivação, e entre a localização subjetiva e a introdução ao inconsciente ele propõe a retificação. É preciso então, haver uma localização do que é da parte do sujeito na situação que ele está envolvido, para somente a depois haver uma introdução ao que é do inconsciente. Essa última parte é o que chamamos de retificação da posição subjetiva, o qual comporta a parte da responsabilização do sujeito.

Diante da dimensão subjetiva, Miller nos aponta que o sujeito relata seus fatos, mas que não se trata de verificá-los. O que realmente importa é o que o paciente diz, ou seja, adentrar o campo do dito. Tomado esse primeiro passo, o próximo é situar o sujeito em seu discurso, questionar a posição de quem fala, ou nas palavras de Miller “lugar em que está o enunciante frente ao enunciado” (MILLER, 1998, p.236). Pois, o que está em questão é a desproporção entre o que é dito e o dizer. É quando algo da antinomia lógica (MILLER, 1998) surge é que algo de uma introdução ao inconsciente pode emergir via localização subjetiva. E como o sujeito não reconhece seu discurso como uma citação do discurso do Outro então, é necessário que haja uma quebra nesse discurso que até então era colado o enunciado-enunciação, para que assim o campo

subjetivo e o campo do Outro comecem a ser melhor delimitados. Essa introdução ao campo do Outro, Lacan afirma que seria pela via da interpretação da atuação: “o acting out clama pela interpretação, mas resta saber se isso é possível” (LACAN, 1963, p. 140), pois o que está de ante mão é a transferência selvagem e caberia aos analistas domesticá-la. As três saídas que ele aponta para o acting seriam: interpretação, proibição ou reforço ao eu. Lacan tece sobre essas saídas e mostra que o que fica intocado é a questão do objeto *a*, do que resta. A introdução de uma interpretação dessas atuações visa esse ponto do pequeno *a*, e é por esse motivo que Lacan alerta que é uma tarefa árdua para os analistas, pois, comporta o campo do engano, “é o desejo que se expressa através dessas mentiras” (LACAN, 1963, p. 144).

Já o campo da responsabilização o que temos não é só a subjetivação do sujeito diante de seus atos, mas sim a retificação de sua posição diante do Outro. Agora o que está em jogo é exatamente a relação do sujeito com o Outro e a resposta diante desse seu posicionamento, o que podemos chamar de responsabilidade. Frente ao reconhecimento do sujeito da sua posição com o Outro, ele sai do lugar de vítima da situação (ou de culpa) para assumir os devidos lugares: tanto do próprio sujeito como causador de seus sintomas, quanto do Outro do lugar de Outro barrado.

Em vista do que foi tratado pelo texto, percebemos a diferença clínica do sujeito frente suas ações. No caso do acting out, as atuações não visam o Outro com o qual ele se posiciona em sua relação, mas sim mostra uma cena para ser vista, que passa pelo campo do objeto *a*, esse resto que está em jogo na atuação. A subjetivação concerne no que diz respeito à uma disjunção entre o que é dito e o dizer do próprio sujeito, já que o que ele diz, não corresponde ao que ele sabe, desconhecendo de si mesmo aquilo que é do campo do Outro. E somente reposicionando o sujeito frente a sua própria fala, é que poderá surgir algo de uma aposta no sujeito do inconsciente. Já na responsabilização, o sujeito se reposiciona quanto ao Outro, se retifica quanto ao seu posicionamento subjetivo. Vimos, portanto, que na clínica tornar um ato como próprio não necessariamente faz com que o sujeito se responsabilize por esse ato, mas que o que uma análise busca é exatamente o ponto onde o sujeito possa responder diante do que lhe é mais peculiar que é o seu desejo enquanto desejo do Outro.

REFERÊNCIAS:

LACAN, J. **O seminário 10 – A angústia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1963] 2005.

MILLER, JA. *Discurso do método psicanalítico.* **In: Lacan Elucidado.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.